



Abelhas, pessoas e uma gata no fim do mundo: antropoceno e espécies companheiras em *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polezzo¹

Bees, people, and a cat in the end of the world: anthropocene and companion species in Natalia Borges Polezzo's *A extinção das abelhas*

Dossiê: Literatura,
Natureza e Cultura

Ernani Silverio Hermes*

ORCID: 0000-0002-0029-2627

E-mail:
ernani.hermes@gmail.com

Lucas da Cunha Zamberlan**

ORCID: 0000-0002-5116-3219

E-mail:
lucas.zamberlan@ufsm.br

Recebido: 23/07/2025

Aprovado: 14/09/2025

Resumo:

Este artigo apresenta uma análise do romance *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polezzo, publicado em 2021, tendo como chave de leitura dois conceitos: antropoceno e espécie companheira. O exame proposto integra a discussão contemporânea, cada vez mais premente, sobre os limites do humano e do não humano na literatura. Nesse sentido, os debates e as tensões conceituais sobre antropoceno alcançam relevância e encontram, na ficção, uma forma legítima de expressão. Entendido por Ailton Krenak (2019) como o período em que os humanos deixam uma marca no planeta que compromete a manutenção da vida, o antropoceno nos faz pensar nessas relações entre humanos e não humanos na medida que destrona a humanidade do lugar que construiu para si mesma. A partir disso, é pertinente relacioná-lo à perspectiva que Donna Haraway (2021) elabora a respeito da espécie companheira, enquanto relações de alteridade estabelecidas entre humanos e os outros seres orgânicos essenciais para a dinâmica da vida. Então, a análise que apresentamos percorre as sendas de uma narrativa em que se expressam vínculos significativos entre humanos e não humanos em um contexto de colapso.

Palavras-chave:

Antropoceno; Espécie Companheira; Humano e não humano; Literatura Brasileira Contemporânea.

Abstract:

This essay presents an analysis on the novel *A extinção das abelhas*, by Natalia Borges Polezzo, published on 2021, considering two concepts as reading keys: companion specie and anthropocene. The analysis we propose is set on the contemporary discussion, more and more urgent, about the limits of the human and the non-human in the literary context. So, the debate and conceptual tensions about the anthropocene get more relevance and find, amid fiction, a legitimate mode of expression. Understood by Krenak (2019) as the period in which humans leave a print on the planet that compromises the maintenance of life, the anthropocene forces us to think about these relations between humans and non-humans because it dethrones humans from the place they have built to

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Finance Code 001.

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Literárias pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduado em Letras – Português pela Universidade La Salle e em Letras – Inglês pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

**Doutor em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

themselves. Considering this, it is pertinent the perspective presented by Donna Haraway (2021) about companion species, as a relation of othering established between humans and other organic beings essentials to the dynamics of life. Thus, the analysis we present follows the narrative ways in which relations of humans and non-humans are expressed in a context of collapse.

Keywords:

Anthropocene; Companion Specie; Human and non-human; Contemporary Brazilian Literature.

Considerações iniciais

Embora áreas como ecocrítica e *animal studies* tenham poucas décadas de existência nos estudos literários, o debate sobre o não humano não é algo novo. Tampouco a expressão do não humano na ficção literária é uma novidade. Na Literatura Brasileira, em perspectiva histórica, o não humano esteve presente, dentre outras manifestações, desde a invasão do colonizador português; passa pelo Arcadismo, com a projeção convencional de paisagens amenas e, mais tarde, já no Romantismo, concretiza-se sob a cartilha de Ferdinand Denis que se consolidou como uma das bases para a forja de uma identidade nacional, como podemos averiguar em *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido.

No entanto, o que há de diferente nas novas abordagens teóricas e literárias do não humano é a próprio desdobramento do devir histórico que apresenta novas demandas, e consequentemente, possibilidades críticas diversificadas de se pensar essa relação. Antes, sob a égide de um pensamento colonial/moderno, havia uma cisão evidente entre humano e natureza, e esta congregava, em síntese, a ideia daquilo que não era humano, mesmo que apresentasse imagens metafóricas que representavam as emoções e o estado de espírito dos artistas.

Walter Mignolo (2017) entende que há uma colonialidade da natureza em que o humano, com fins de dominá-la, é apartado dela. Uma vez que se separam, institui-se uma hierarquia em que o humano é posto em uma posição superior à natureza – e, assim, ao não humano – e ela então é tomada como algo que pode ser dominado.

Nos termos do autor,

A “colonialidade” envolveu a “natureza” e os “recursos naturais” em um sistema complexo de cosmologia ocidental, estruturado teologicamente e secularmente. Também fabricou um sistema epistemológico que legitimava os seus usos da “natureza” para gerar quantidades maciças de “produtos” agrícolas, primeiro, e quantidades maciças de “recursos naturais” após a Revolução Industrial (Mignolo, 2017, p. 08).

O autor argentino demarca que antes da colonização, os povos originários tinham outra forma de entender a questão: “Os aimarás e os quíchuas se viam dentro dela, não fora dela. Assim, a cultura era natureza e a natureza era (e é) cultura. Assim, o momento inicial da revolução colonial foi implantar o conceito ocidental de natureza e descartar o conceito aimará e quíchua de *pachamama*” (Mignolo, 2017, p. 07). Assim, sem uma cesura

entre humano, cultura e natureza, tais formas de entender o mundo não separam o humano e o não humano da maneira cerrada que a lógica da colonialidade impõe e isso estabelece um primeiro desafio frente a uma configuração há muito tempo enraizada no pensamento ocidental legitimado pelas classes dominantes.

Paralelo à perspectiva apresentada por Mignolo, Ailton Krenak (2019) associa-se a essa forma não ocidentalizada de conceber a natureza. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor diz: “eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2019, p. 17). Ao dizer que tudo em que consegue pensar é natureza, Krenak nos oferta uma forma mais ampla e complexa – e, é necessário dizer, mais interessante – de entender esse conceito: a natureza é o humano e o não humano, é o mundo físico e o mundo imaterial, e, além disso, as conexões muitas vezes sutis que existem entre eles.

Outro elemento que reorganiza o debate sobre o humano e o não humano – este, central para compreender a análise proposta – é a discussão do antropoceno. Krenak o pontua da seguinte forma:

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra (Krenak, 2019, p. 32).

Pensar que entramos em uma era da história planetária em que a humanidade é considerada uma força geológica implica, necessariamente, reavaliarmos a relação do humano com a natureza e, por conseguinte, com os aspectos não humanos. Reitera-se que um dos pilares do problema é a forma como o sistema-mundo moderno-colonial organizou essa correspondência: transformar a natureza em “recursos naturais”, em mercadoria; destituir formas de compreender e organizar a vida em que é possível entender esse vínculo intrinsecamente unificado sem projetar o não humano como um “outro”.

Nessa esteira, o projeto moderno-colonial institui um desenho de mundo que procura inviabilizar uma relação de alteridade significativa entre humano e não humano – seja ele mineral, animal, vegetal etc. Isto é, ele, na sua estrutura, constrói uma dinâmica de vida que nega a trama a que se refere Timothy Morton (2010), em que as formas de vida se relacionam.

No entanto, é necessário que se efetive uma compreensão da própria ideia de humanidade implicada no antropoceno, ou seja, no *antropo* do antropoceno. Essa humanidade genérica, abstrata, direciona a questão para uma seara delicada e não raro enganosa, pois permite entender que toda a humanidade possui o mesmo poder de agência. Em um mundo erguido pela colonialidade e pelo capitalismo, ou seja, balizado por uma condição hierarquizante, nem todas as pessoas têm o mesmo poder de voz e de ação. Assim, em contrapartida, surgem alternativas para pensar essa realidade: Jason Moore (2015), por exemplo, alega que a base de sustento do colapso é o capitalismo, os fluxos globais de capital que estabelecem uma relação mercantil entre o humano e o não humano. Anna Tsing e Donna Haraway (2016), de outra forma, pensam na colonialidade e no sistema da *plantation* como determinantes para a questão e propõem – complexificando a discussão – o conceito de plantationoceno.

Independente do conceito e do ângulo de visão que tomarmos, é inegável que o colapso do planeta nos faz reavaliar a relação do humano com o não humano, haja vista que a forma colonizada e mercantilizada de dar essa relação impele ao problema. Nesse sentido, é relevante o que Donna Haraway (2021) chama de espécie companheira: a relação de alteridade significativa entre humanos e demais seres orgânicos – animais, plantas, microrganismos e até mesmo as bactérias do nosso intestino – que são essenciais para a manutenção da vida.

Dessa forma, pensar na espécie companheira acarreta considerar uma relação entre humanos e não humanos atravessados por uma alteridade diferente do modelo moderno-colonial. Em uma relação pautada por essa chave de leitura, destitui-se as dinâmicas de hierarquização e de dominação erigidas pela modernidade e pela colonialidade que levam ao cenário do antropoceno.

A extinção das abelhas, de Natalia Borges Polesso, publicado em 2021, percorre as sendas do antropoceno e da relação do humano e do não humano. A protagonista, Regina, experiencia dinâmicas do colapso: o colapso afetivo, o colapso social-político e o colapso ambiental. Sem uma linha entre um e outro, o mundo da personagem começa a ruir pelas perdas afetivas: o abandono da mãe, a morte do pai, a morte da gata Paranoia etc. Simultâneo a isso, um governo de direita e o uso desenfreado de pesticidas faz com que o meio ambiente se deteriore em um cenário catastrófico.

Dessa forma, procuramos avaliar as dinâmicas narrativas que produzem sentidos sobre a relação humano/não humano no cenário do antropoceno. Recorto dois pontos: a relação entre Regina e Paranoia; e a relação de Regina com as abelhas em extinção. A partir da chave de leitura da espécie companheira, procura-se, então, analisar como essas relações significam um quadro do colapso na narrativa.

Regina, Paranoia e as abelhas: a espécie companheira e o antropoceno

O título *A extinção das abelhas* não é em vão, a aniquilação dessa espécie dimensiona o colapso ambiental que atravessa a narrativa. Regina, reportando-se de forma emulada à mãe que a abandonou na infância, puxa uma memória familiar envolvendo esses insetos: “Tu lembra que naquele dia a gente teve que ir embora correndo por causa de um enxame de abelhas?” (Polessso, 2021, p. 19). Logo depois, o tópico das abelhas retorna no discurso da personagem:

Sabia que não tem mais abelha agora por aqui? Quer dizer, tem, mas é raro, quase não se vê. Não pode matar em hipótese alguma. E eu lembro que naquele dia matamos umas quantas. O pai enrolou alguma coisa, uma esteira, uma revista. E saiu batendo e matando. Jogaram uma toalha em cima de mim. Eu não conseguia ver. Só fui arrastada pela mão. Por ti ou pelo pai. Sei lá. Era bom quando alguém te levava pela mão. Pois é. Não pode mais. Não pode mais matar abelha. Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza” e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização. Sim, essas foram as declarações. Vai saber. Se estão fazendo, não tá chegando pra todo mundo. O que chega é podre de veneno. E o que não tem veneno é só podre ou caro (Polessso, 2021, p. 20-21).

Essa passagem é ilustrativa das bases pelas quais o romance toma forma: a equalização de diferentes formas de colapso, sobretudo o afetivo e o ambiental. Este é tomado como objeto de um discurso remetido à mãe em um movimento de presentificá-la. Dessa maneira, as duas formas de colapso são postas na tessitura literária de maneira simultânea e não hierarquizadas, alinhando-os na voz de Regina a partir da posição de objeto, para o colapso ambiental, e de propósito comunicativo, para o colapso afetivo.

Tratando mais especificamente do colapso ambiental, esse tópico é apresentado à pessoa leitora dentro das dinâmicas do realismo formal constituinte do romance. A extinção dessa espécie é introduzida à narrativa de uma maneira ordinária: como uma lembrança familiar da infância, primeiramente, e seguida de um comentário direcionado à mãe ausente.

A fala de Regina também posiciona dinâmicas ideológicas em um movimento de culpabilização do governo e da Agrotech – empresa ficcional de agronegócio –. Os dois vetores levam o problema para o escopo político, primeiramente, acrescentando o capitalismo, por tratar-se de uma empresa detentora de meios de produção, bem como do escopo do sistema de *plantation*, por se tratar do agronegócio. Ademais, o fato de a extinção ser provocada pelo uso de agrotóxicos equaciona tais elementos, pois tal dinâmica se organiza em torno do lucro, do fluxo de capital, a técnica em detrimento da natureza e a forma colonizada de se relacionar com a terra.

Desse modo, nesse recorte, a extinção das abelhas é metonímia do antropoceno, em uma relação de contiguidade do sentido. Queremos dizer que aqui é como se se tomasse a parte pelo todo: a extinção de espécies é apenas um aspecto do antropoceno, mas que pode ser considerado de uma maneira mais ampla pela abertura do discurso de Regina, como esse ponto de comprometimento da manutenção de vidas humanas e não humanas

vetorizado pelo capitalismo e pela colonialidade.

Na sequência da narrativa, Regina retoma as abelhas, novamente, a partir de uma situação cotidiana:

Eu tinha combinado de ir ao cinema com a Paula, uma coisa banal, um pequeno alento. Mas a primeira coisa que ela disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizaram temperaturas nem o derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro” (Polesso, 2021, p. 30).

Novamente, parte-se de uma cena corriqueira: uma ida ao cinema. Então, a conjunção adversativa corta a atmosfera de conforto que aquela situação poria proporcionar. Paula, que tem sua fala em discurso indireto, refere ao problema das abelhas da maneira mais catastrofista – ou realista para esse cenário –, de que se as abelhas acabam, seria de fato o fim do mundo.

A pessoa leitora tem a sua disposição dois elementos para significar essa fala de Paula. O primeiro é extratextual: as ciências afirmam a pertinência das abelhas para a manutenção da vida, que é uma possibilidade de ser acessada pela sua prefiguração de mundo. A segunda é intratextual: na passagem anterior, Regina faz menção à polinização, ou seja, para a manutenção da vida vegetal e, conseqüentemente, fator preponderante para todas as formas de vida.

Na fala de Regina há a menção ao colapsômetro, um dispositivo criado na diegese para contabilizar o colapso, como um termômetro da catástrofe. Dada a relevância das abelhas, a sua extinção era o que mais fazia a sua marcação aumentar, em detrimento de outras situações igualmente catastróficas. Nesse sentido, revela, com um tanto de ironia, como esse fim de mundo é tratado a partir de uma seleção, em que alguns elementos são considerados e outros não.

No decorrer da narrativa, vai ficando mais evidente que a própria personagem é esse termômetro do colapso, uma vez que seus afetos colapsam, seu corpo colapsa, a sociedade em que vive colapsa, as condições para a manutenção da vida colapsam: “Nós somos a extinção das abelhas” (Polesso, 2021, p. 296); “Como se vive quando tudo o que conhecemos cai por terra?” (Polesso, 2021, p. 253); “Vez ou outra via meu próprio colapsômetro subir desmedido” (Polesso, 2021, p. 129).

Outro elemento relevante é a morte da gata Paranoia. Já no início do romance é registrada a perda: “Sei lá por quantos dias eu chorei. Não lembro. Lembro que enterrei o bichinho nos fundos de casa. Fiquei deitada na terra um tempão. Na mesma terra que enterrei Paranoia” (Polesso, 2021, p. 14). Aqui o luto é evidenciado pelos dias seguidos de pranto e a tentativa de conectar-se materialmente com Paranoia, algo que se a personagem expressa ao se deitar na terra em que o corpo da gata estava enterrado em uma nova dinâmica do humano, da personagem, com o não humano: a tentativa de aproximação afetiva com o corpo do animal mediada pela terra, elemento mineral.

Na segunda parte do romance, Paranoia retorna no discurso de Regina:

Paranoia me acompanha.
O bicho está sempre comigo. É muito ansiosa. Assustada. Qualquer barulho a faz esbugalhar os olhos e procurar alguma sombra, um rastro.
Somos quase uma. A simbiose perfeita do delírio. Eu, desengonçada demais. Como se ela fosse capaz de corrigir o meu desequilíbrio (Polesso, 2021, p. 204).

Simbiose, na biologia, refere-se à relação de aproximação entre seres de diferentes espécies. Em tais interações, três possibilidades são aventadas pelas ciências biológicas: mutualismo, quando tal interação é benéfica para ambos os indivíduos; comensalismo, quando é benéfica para um e neutra para outro; e parasitismo, quando é benéfica para um e prejudicial para o outro. À primeira vista, recorrendo a essa forma de compreensão, pode-se visualizar a ideia do primeiro caso, em que ambas se beneficiam uma da outra, o que se mostra pela forma como Regina modaliza o discurso, uma vez que Paranoia a equilibraria. Todavia, a pura metáfora teórica da biologia não é suficiente, pois o movimento em que a narrativa se insere não é pautado pelo binarismo que atravessa esse discurso, mas justamente ao contrário, em uma ideia de desierarquização entre espécies erigida pelo discurso da modernidade.

Ao trazer esse elemento para o seu discurso, o processo de significação eu se abre é referente à interconexão entre as duas espécies em questão: a felina e a humana. Tal perspectiva evidencia-se discursivamente em “Somos quase uma”. O advérbio *quase* modaliza a questão, uma vez que direciona o sentido para a ideia de que há uma relação, longe de forçar uma negativa, na ideia de que se reconhece a diferença, mas que a reciprocidade entre as espécies é o que está em primeiro plano.

É a partir desses pontos que se configura a relação de Regina com outros seres, com outras espécies. Nesse sentido, podemos pensar nesses dois pontos sobressalentes no romance: os atravessamentos entre humanos e não humanos que cerzam a dinâmica ficcional constitutiva da personagem em um contexto de colapso. Isto é, Regina é como um catalisador do colapso que se manifesta, dentre outras formas, pela ruína das relações interespecies, neste recorte, entre humana, felina e insetos.

Tal discussão pode ser lida sob a chave do que Donna Haraway chama de “espécie companheira”:

“Espécie companheira” é uma categoria maior e mais heterogênea que animal de companhia, e não apenas porque devemos incluir nela seres orgânicos como arroz, abelhas, tulipas e a flora intestinal, todos essenciais para que a vida humana seja como é – e vice-versa (Haraway, 2021, p. 15).

Haraway abre um escopo multiespécies para delimitar a espécie companheira, que vai muito além dos animais domésticos, ou animais de companhia. Assim, a categoria é movimentada na direção de seres orgânicos, como os exemplificados, que enquadra desde os microrganismos, como vírus e bactérias, e que se expande para outros organismos animais e até mesmo vegetais, como o arroz. A concepção de espécie companheira

corroborar para pensar as relações do humano e do não humano e desestabilizar essa fronteira rigidamente endossada pela modernidade, o que se cristaliza pela consideração da autora de que se tratam de seres essenciais para a vida.

Assim, as espécies companheiras são interdependentes no processo de manutenção e constituição da vida umas das outras. Tal elemento é atravessado, também, por o que Haraway (2021) chama de uma alteridade significativa, que não exclui uma valoração afetiva de tais relações, mas sem cair na ideia comum de animal de companhia.

Nesse sentido, as abelhas configuram-se como espécies companheiras pela polinização e, assim, pela manutenção da vida vegetal, e conseqüentemente para outros animais e humanos. Aqui o antropoceno entra em jogo, uma vez que é no cenário antropocênico que as abelhas passam por um cenário de extinção. Isso considerando os vetores já mencionados, como capitalismo e colonialidade, materializados sobretudo pela imagem da Agrotech.

No que se refere à Paranoia, a morte da gata concatena a perda afetiva com o não humano. Tais perdas são alinhadas também a ideia do antropoceno: na segunda parte do romance, configurada com um grau de experimentação e fragmentação, narrada como que por uma voz narrativa que emula o próprio colapso, é apresentada uma lista de espécies em extinção:

Animais extintos
Onça-pintada
Tamanduá-bandeira
Rinoceronte-negro
Tatu-bola
Toninha
Uacari
Antílope-azul
Quaga
Girafa-albina
Tartaruga-de-couro
Pica-pau-amarelo
Mico-leão-dourado
Gato-maracajá
Cervo-do-pantanal
Boto-cor-de-rosa
Ariranha
Dona Norma
Paranoia
Regina (Polesso, 2021, p. 268).

Nessa listagem há uma desierarquização entre humano e não humano no contexto multiespécies. Há uma ruptura no encadeamento de espécies em extinção, primeiramente, com o nome de Dona Norma; isso porque Dona Norma não seria, de fato, uma espécie, o que gera um estranhamento no leitor na pessoa leitora e chama atenção para o humano no seu conjunto de relações com outras espécies. Em sequência vem Paranoia, o que novamente repete o mesmo sentimento de estranheza, já que Paranoia não é, *per se*, uma espécie, mas integra uma espécie, a dos felinos. Por fim, Regina é elencada entre a lista de espécies em extinção, reiterando o estranhamento que interpela a consideração do humano em meio a outras espécies em um processo destrutivo.

Assim, o processo de significação que se abre é de que não apenas espécies, de uma maneira genérica e apartada do sujeito, estão em extinção, mas redimensiona para as espécies companheiras. A questão é que são espécies que comungam de uma relação de reciprocidade, em algum grau, na dinâmica ecológica da existência, e que estão sendo aniquiladas pelo conjunto de forças que se chama de antropoceno.

Quando se fala em extinção, em aniquilação de espécies, fala-se, dentre outras coisas, de morte. Regina lida com a morte constantemente: o pai, Dona Norma, as abelhas, Paranoia etc. Essas mortes a acompanham por toda a narrativa, o que acarreta em uma atmosfera de fantasmagoria. Anna Tsing, Heather Swanson, Elaine Gan e Nils Bubandt (2017, p. 14) destacam que

Os ventos do antropoceno carregam fantasmas – os vestígios e sinais de formas de vidas passadas ainda carregadas no presente [...]. Nossos fantasmas são os rastros de histórias mais que humanas pelas quais ecologias são feitas e desfeitas.²

Esses fantasmas da espécie companheira atravessam a narrativa de vida de Regina. O luto por Paranoia expressa esses fantasmas do colapso carregados por Regina e que se materializa no delírio de carregar um corpo de um gato como se fosse a sua. Quando a personagem é encontrada, já no final do romance, carrega na mochila um corpo felino: “Carregava uma mochila cheia de lixo e um gato morto. Fedia” (Polesso, 2021, p. 300). Depois, Lu, a personagem que a encontra, fala que aquele gato não era Paranoia:

— Não! Não! Temos que voltar agora. Eu preciso dela. Não posso deixar ela sozinha. Não posso. Como ela vai sobreviver?
— É uma mochila velha.
— Não! É a Paranoia. A casinha dela, brinquedos, comida, não posso abandonar minha gatinha.
Lu parou o carro, ignorando qualquer perigo na estrada. Olhou nos olhos da amiga e viu uma nata esbranquiçada.
— Minha querida, Paranoia morreu faz tempo. Tu tava carregando outro gato... que já estava morto também. Não podemos carregar mortos, meu bem. Eles precisam descansar. Entende, Regina? Não podemos. Regina não disse nada. Ficou olhando pra frente. Fungava. Voltaram para a estrada e seguiram. Depois de algum tempo, Regina disse algo (Polesso, 2021, p. 304).

A imagem do corpo de um outro gato é uma tentativa de presentificar materialmente o corpo da sua espécie companheira como forma de alento para a perda. Essa imagem, no entanto, funciona como um símbolo do antropoceno: esse rastro de fantasmas, esses vestígios de formas de vidas destruídas, ou para pensar de uma maneira mais ampla, essa ruína de vidas humanas e não humanas destroçadas pela realidade do antropoceno.

Da mesma forma, a ideia das abelhas mortas constrói uma fantasmagoria em torno dessa espécie ao longo de toda a narrativa, uma vez que essa imagem nunca sai totalmente de cena, até mesmo por ser um dos índices que mais alimenta o colapsômetro: “O número de abelhas mortas triplicou nos anos seguintes, tornando-se um dos principais indicadores de

²Tradução livre de: “The winds of the Anthropocene carry ghosts—the vestiges and signs of past ways of life still charged in the present. [...] Our ghosts are the traces of more-than-human histories through which ecologies are made and unmade”.

monitoramento do colapsômetro” (Polessso, 2021, p. 249). Assim, o romance não deixa escapar essa imagem fantasmagórica de vidas sendo mortas a ponto de entrar em extinção em decorrência do uso de agrotóxicos.

Esses fantasmas, enquanto essas presentificações de vidas já comprometidas, compõem a imagem do antropoceno no romance a partir das diferentes formas de colapso. No caso do recorte aqui tomado, as abelhas e a gata em relação à Regina, dimensionam pelas relações multiespécies, as perdas de afeto e de condições materiais de manutenção da vida em um contexto de esgotamento demarcado pelas dinâmicas do capitalismo e da colonialidade.

Essa dinâmica de ficcionalização direciona a um posicionamento ideológico e estético que é a travessado pela analítica da colonialidade da natureza, mencionada por Mignolo (2017). Isso porque os afetos e as conexões multiespécies fazem com que se erija na narrativa uma desierarquização do humano e do não humano por meio de sentidos que reclamam uma perspectiva ecológica da vida, o que acarreta na consideração das espécies companheiras no modo de organização da vida.

Dessa forma, se tudo é natureza, como pontuou Krenak (2019), e que as formas de vida se conectam, como na trama de Morton (2010), parte-se de um lugar desestabiliza os sentidos construídos pela modernidade e pela colonialidade de uma natureza apartada do humano e da cultura. Logo, questiona-se a lógica e a retórica que sustenta o projeto moderno-colonial e o seu desdobramento como antropoceno.

Considerações finais

A extinção das abelhas, de Natalia Borges Polessso, contempla processos de produção de sentidos sobre as relações entre humanos e não humanos. Tais dinâmicas são concatenadas a cenários de colapso que direcionam para o antropoceno, enquanto esses desdobramentos de lógicas e projetos políticos e históricos de destruição de humanos e não humanos, alinhados a vetores como capitalismo e colonialidade.

Na leitura do romance contemplamos o recorte da relação de Regina, protagonista, com as abelhas e a sua gata, Paranoia. Esse nexos foi lido pelo prisma da espécie companheira, de Haraway (2021), enquanto categoria que contempla as dinâmicas entre espécies que se relacionam em um processo ecológico, fazendo com que tais relações sejam necessárias para a manutenção da vida. Na relação de Regina com as abelhas e com a gata, averíguam-se sentidos que direcionam a uma sustentação afetiva, simbólica e material da vida.

Ao organizar a leitura das relações entre humanos e não humanos a partir da categoria de espécie companheira, há uma desierarquização entre as espécies e uma ruptura com a separação entre natureza e cultura. Isso porque se aponta para relações simbióticas de cooperação ecológica em benefício da horizontalidade e da diversidade de espécies no

mundo.

Desse modo, o que toma forma na diegese é a perda dessas espécies companheiras em um cenário de colapso ambiental caracterizado como antropoceno. A presença/ausência dessas espécies permanecem como uma fantasmagoria de formas de vida em destruição e configuram uma imagística da violência antropocênica para com humanos e não humanos.

Portanto, no recorte que adotamos, observamos a *mimesis* que constitui o romance. Uma vez que a literatura nesse sentido é o campo das possibilidades, a diegese e o discurso fazem aventar possibilidades de humanos e não humanos relacionarem-se no cenário colapsado de mundo enquadrado pelo antropoceno. Assim, o projeto ficcional é atravessado pelo modo como diferentes espécies – aqui recortados como abelhas, gatos, humanos – interagem no fim do mundo.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Todavia, 2023.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Trad. Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna; TSING, Anna; ISHIKAWA, Noboru; GILBERT, Scott F; OLWIG, Kenneth. Anthropologists are talking-about the Anthropocene. *Ethnos*, v. 81, n. 3, p. 535-564, 2016.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, p. e329402, 2017.

MOORE, Jason. *Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital*. London: Verso Books, 2015.

MORTON, Timothy. *The ecological thought*. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, London, 2010.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils. Introduction: Haunted landscapes of the anthropocene. In: TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils (ed.). *Arts of living on a damaged planet*. Minneapolis/London: University Of Minnesota Press, 2017. p. 1-14.